



Calixto recebeu indenização dez anos após ficar paraplégico

Noite de atrocidades

A vida de Edson Calixto mudou em 28 de dezembro de 1991. Foi nesta noite que um cabo e três soldados da PM o abordaram, na favela Dancing Days, na capital pernambucana. Ao ser interrogado pelos PMs, Calixto negou conhecer o traficante espancado e trancafiado no camburão. Começou aí uma série de atrocidades, que duraram toda a madrugada em que Calixto sobreviveu a sete tiros e conseguiu denunciar os policiais.

“Após negar que conhecia o garoto fui espancado e colocado no carro da polícia. Depois fui levado para perto do Aeroporto de Guararapes, onde levei três tiros”, conta. Por volta das duas da madrugada, Calixto se arrastou até a estrada, apesar de baleado. Ao ver um carro se aproximando pediu ajuda. Foi surpreendido ao descobrir que os mesmos quatro policiais voltavam ao local do crime. “Eles tomaram um susto e eu pensei que morreria. Então me colocaram no camburão e seguiram para o lixão de Muribé, fora de Recife”, revelou.

Lixo - O adolescente de 14

anos levou mais quatro tiros: no pescoço, no braço esquerdo e dois na perna esquerda. Jogado num barranco foi encoberto pelo lixo, sendo salvo por um catador. “Os médicos não acreditavam que eu pudesse me salvar. Mas estou aqui para contar esta história”, diz. Por meses, Edson Calixto ficou sob proteção de policiais civis. Denunciou os PMs, que nunca foram punidos. Ameaçado de morte, saiu do Estado. Na época, a família já tinha ido embora.

“Não posso dizer que foram ameaçados, mas acho muito estranho que todos tenham desaparecidos de repente. Desde então coloquei na cabeça que não podia contar com mais ninguém.”

Passou por Brasília e no início deste ano chegou ao Rio. Em 2000 voltou a se encontrar, durante depoimento, com os soldados Josenildo José Celda Lins, Antonio Pedro da Silva e Edvaldo Santiago. Todos negam a acusação. O cabo Antonio Oliveira do Amaral foi morto em junho de 1997. Até hoje nada foi comprovado.